

JAMES JOYCE: O *MAKING OF* DE UM TEXTO¹

Miriam A. Nogueira Lima²

Ao escrever meu trabalho para o Simpósio Joyce-Lacan, realizado em Dublin em 2005, muita coisa sobrou dos apanhados, pesquisas, leituras que empreendi e não foram incluídos naquele texto.³ São coisas preciosas recolhidas e tenho aproveitado outras ocasiões para falar e escrever sobre elas. Esta é mais uma ocasião que se apresenta para isto que venho chamando o *making of* de um texto, inspirada na expressão utilizada por Frank Budgen como título de sua experiência de ter acompanhado a escrita do livro *Ulisses* por Joyce, durante vários anos. Apenas que desta vez outras leituras se acrescentaram com o lançamento do livro *Joyce-Lacan O Sinthoma*, que coleta grande parte dos trabalhos apresentados no Simpósio em Dublin,

Sobre a mulher, a começar pela sua própria, ela que não se afastaria dele jamais, conforme fora alertado pelo próprio pai de Joyce ao dizer, certa vez, que o sobrenome de sua nora - Barnacle (que significa craca, em inglês) era uma premonição. “Não há dúvidas que Nora era para ele uma mulher eleita, única”, afirma Colette Soler citando Lacan que teria dito: “para ele só existe uma”.⁴ De fato Joyce está destinado a ter muitos devotos, e muitas devotas, por uma série de razões. Abordei alguns aspectos no meu texto, referido acima. Neste aqui, refiro-me a alguns outros sobre essa figura que se apresenta tão enigmática quanto os enigmas que deixou para serem decifrados em sua vida e obra. Não vamos, portanto, abandonar o navio, como não se fez, aliás, nesse retorno empreendido pelo Simpósio de Dublin. Retornamos inclusive à sua própria casa, às origens joyceanas, elas mesmas.

Do lado da mulher, como me referia acima, a concepção joyceana certamente inspirada em sua própria mulher se expressa na famosa frase citada e recitada por biógrafos e comentadores: “sã cheia amoral fertilizável duvidosa atraente limitada prudente indiferente”. É possível conceber que os principais personagens de Joyce se fundem: Molly, Stephen e Bloom. Ela representando uma parte, com sua vida sexual desnuda, e Stephen representando a razão, como analisou Hermann Broch.

¹ Apresentado na Reunião Lacanoamericana de 2005.

² Psicanalista, membro de Interseção Psicanalítica do Brasil/RJ. E-mail: manglima@gmail.com

³ James Joyce: exílio, carência, estética e mística. In: *Joyce-Lacan O Sinthoma*. Jacques Laberge (org.) Recife. CEPE, 2007.

⁴ Colette Soler, “A Nora de Joyce”. In: *Joyce-Lacan O Sinthoma*. Op. cit. p. 136.

Se alguns comentadores sublinham em Joyce a sua escrita, outros ressaltam a sua música, outros ainda elegem a sua poética.⁵ Joyce gostava de música e de dança e queria seus poemas musicados e cantados, valorizando sempre a voz em sua escrita. Como sublinhou Jacques Aubert,⁶ em Joyce mais do que a literatura é a língua que está em questão. Desde a psicanálise nos traímos quando falamos, ele lembra, e Joyce dá provas de saber disso como ninguém. Lacan, por sua vez no seminário *Le Sinthome* reduziu o significante “a um equívoco, uma torção na voz”. Aqui a primazia é da Voz. É ela que, “operando em sua queda, antecede e define o significante” (...) “a voz que não é única, senão múltipla, marca a primazia do real da letra” (...) “desenha um gozo que R. Harari vai chamar de ‘gozo fonante, gozo da alíngua’, distinto do gozo metafórico porque não depende da linguagem” como bem articula Ivani Barp Garcia, no seu texto “Dizeres e silêncios do corpo”.⁷

Voltemos aos traços joyceanos e mais uma faceta sublinhada com frequência, pelos biógrafos: sua capacidade de conciliar o particular com o universal o que resulta numa mestria da transmissão, como frisa ainda Jacques Aubert⁸ ao descrever a metodologia joyceana para escrever utilizando-se de restos – restos de conversas, lembranças, incidentes, restos de tudo. Aliás, traços dessa metodologia se relacionam com suas famosas “Epifanias”, que tem sido objeto de estudo de numerosos autores.

A minha experiência de entrar na “viagem” da “escritamusical” ou “musicaescritural” que foi sua vida-obra, me diz que é uma viagem sem volta. Não há como retroceder nesse gosto, verdadeiro gozo da palavra. Não foi sem razão que James se inspirou no poeta Homero, cujo nome se diz que pela etimologia é “aquele que tece, agencia, adapta e junta palavras”. Tampouco não sem razão, desde Freud, psicanálise e literatura se mesclam. Costa e Rinaldi⁹ assinalam a constatação freudiana da relação existente entre escrita e inscrição psíquica desde os escritos iniciais: “o inconsciente a partir do suporte de uma inscrição”. “No campo da psicanálise escrita e inconsciente vão aparecer sempre associados”. Cabe ressaltar que Lacan retoma essa prescrição freudiana

⁵ Ver a propósito os seguintes textos: Isidoro Vegh, “Joycescrito: Por que Lacan recorreu a Joyce?”; Jacques Laberge, “CMJOYCEREIASFW: Joycescricantor”; Rolando Karothy, “A escrita de Joyce” e Bernard Brémond, “Gozo da língua e assassinato da coisa”, In: *Joyce-Lacan O Sinthoma*, op.cit. pp. 107, 227, 235. 441, respectivamente.

⁶ CF. AUBERT, Jacques. Introdução ao Ulisses de James Joyce. *Letra Freudiana - A Jornada de Ulisses*, Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, 2001, ano XX, nº 28.

⁷ Cf. Ivani Barp Garcia. “Dizeres e Silêncios do Corpo”. In: *Escrita e Psicanálise*. COSTA, Ana e RINALDI, Doris (org.), Rio de Janeiro. Cia de Freud, 2007, p.169.

⁸ CF. AUBERT, Jacques. Introdução ao Ulisses de James Joyce. Op. cit.

⁹ *Escrita e Psicanálise*. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 2007, p.10-11.

inicial ao tratar “a questão letra e inconsciente”, ao distinguir letra e significante e ao estabelecer a “aproximação entre letra e gozo”. De fato, diz Lacan: “A escrita, a letra é no real, e o significante, no simbólico. Assim isso se poderá tornar refrão pra vocês”.¹⁰

Se o leitor ficar preso numa espécie de gozo da leitura, tomara que seja na mesma proporção com que Joyce ficava preso no gozo com a escrita. Relata-se o quanto ele ria ao escrever *Finnegans Wake*. Sobre esse gozo, Lacan veio trabalhar e explorar em sua análise do escritor irlandês. O seu encontro com Joyce, reconhecidamente trouxe e continua trazendo muito trabalho para analistas e não analistas e modificou, fundamentalmente, a apreciação da literatura por um lado, tanto quanto a escrita da psicanálise por outro. É certo que o seminário *Le Sinthome* foi decisivo na modificação da postura de Lacan. Depois disso, outra psicanálise lacaniana adveio, com a escrita do *sinthoma* (com h) como suplência à carência constitutiva do sujeito na linguagem, a qual nenhuma função paterna poderia de fato suprir, e enriqueceu de forma indiscutível esse capítulo da teoria do último Lacan, a partir dos anos 75-76. Retomo o texto de Costa e Rinaldi¹¹ quando ressaltam que Lacan ao lidar no Seminário 23 com dois elementos – a obra de Joyce e o nó borromeano - considera que o escritor irlandês “foi além da literatura, numa tentativa de dissolver a própria linguagem” (...) “sua produção literária é o enigma levado à potência de uma escritura, na medida em que reescreve a própria língua”, cabendo ressaltar a proposta lacaniana de então, que a escritura não vem do significante (simbólico), mas do Real. Lacan afirma que a escrita suporta o Ego de Joyce.¹²

Ocultismo e misticismo de certa forma estão presentes nas experiências relacionadas com o que ele chamou de “epifania. Relativizada essa questão do misticismo, de que o que se trata em Joyce é de uma mística da linguagem, como explica H. Broch, não se desconhece, contudo, que ele acreditava nos pensamentos telepáticos de sua filha Lucia. Entretanto, se haviam palavras impostas, ali onde ela delirava ele gozava ao escrever *Finnegans Wake*, que deveria ser lido em voz alta, na sua recomendação, certamente para que se possa ouvir a poesia musical da prosa de ninguém menos que o “escricantor” de Chamber Music a *Finnegans Wake*, passando pelas “Joycereias” de Ulisses.¹³

¹⁰ De um discurso que não seria do semblante. Publicação interna do CEF - Recife, p.118

¹¹ *Escrita e Psicanálise*, op. cit., p. 12.

¹² Idem, ibidem.

¹³ Ver a propósito CWJOYCEREIASFW, de Jacques Laberge, em *Joyce-Lacan O Sinthoma*. Op. cit., p. 235.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUBERT, Jacques. Introdução ao Ulisses de James Joyce. *Letra Freudiana - A Jornada de Ulisses*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2001, ano XX, nº 28.
- BUDGEN, Frank [1972]. O making of de Ulisses. *Letra Freudiana. A Jornada de Ulisses*, Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2001, ano XX, nº 28.
- BROCH, Hermann. A atualidade de James Joyce. In: NESTROVSKY, Arthur (org.) *Riverrun: ensaios sobre James Joyce*. - Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- COSTA, Ana e RINALDI, Doris (org.). *Escrita e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.
- ELLMANN, Richard. *James Joyce*. São Paulo: Globo, 1989.
- JOYCE, James. [1922] *Ulisses*. Trad. de Antonio Houaiss, 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LABERG, Jacques (org.) *Joyce-Lacan O Sinthoma*. Recife. CEPE, 2007.
James Joyce: O *making of* de um texto.
- LACAN, Jacques. [1975-1976] *Le Sinthome/O Sinthoma/O Santhomem*. Edição bilíngüe. Recife: Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise, 2001.
Circulação Interna.
- POWER, Arthur e SOUPAULT, Philippe. Com Joyce em Paris: Conversas e Lembranças. *Letra Freudiana. A Jornada de Ulisses*. Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, 2001, ano XX, nº 28.